

# Concurso Literário “200 Anos de Louis Braille”

---

Mário Alves de Oliveira, 17 anos      3º Lugar – Categoria: Conto

---

## Braille – Ponto de partida

Ao falar de Louis Braille precisamos considerar dois aspectos: o primeiro diz respeito à falta de visão que, pelos séculos afora, foi caracterizada como fator de invalidez. E o primeiro passo para reverter esse estigma foi dado exatamente quando o deficiente visual tornou-se capaz de ler e escrever: Com este legado, Louis Braille começou a liberar os cegos do analfabetismo e da exclusão social.

Em segundo lugar: Louis Braille é um benfeitor diferenciado da humanidade. Muito especial! Se ele não existisse, dificilmente teríamos outro capaz de fazer o que ele fez. O sistema de leitura e escrita que ele criou é original, eficaz e fantástico! Reflexo de seu esforço e obstinação!

Vítima do acaso, num período da história em que ser cego era bem mais difícil do que é hoje, Louis Braille nunca se fez de vítima – embora tudo conspirasse para isso. Quando uma pessoa não luta e assume o papel de vítima, ela está pedindo à sociedade que a rotule de coitada, condição que Louis Braille sempre negou. Aceitou o desafio que a vida lhe impôs e, disposto a vencer ou perder, não se escondeu num canto macio.

Louis Braille é a maior personalidade responsável pela criação do alfabeto para cegos. Ao ler e escrever através do tato, o deficiente visual deu o primeiro passo para sua emancipação e alcançar, afinal, sua cidadania. Consciente do abismo social que separava os cegos das demais pessoas, a angústia e a inquietude acompanharam o espírito de Louis Braille por quase toda sua vida.

Nascido em Cupvray, interior da França, em quatro de janeiro de 1809, sua vivência com a cegueira começou muito cedo, quando contava apenas três anos de idade. Filho de celeiro, Louis costumava brincar com as ferramentas de trabalho de seu pai. Com uma soveira nas mãos, a ferramenta desliza no couro e crava em seu olho. Pela contaminação, o ferimento causou a perda total dos dois olhos. Seus pais se martirizavam com a idéia de que um dia o filho poderia ser um mendigo, como tantos cegos que conheciam. E como o problema humano se resolve, em geral, com boa vontade e interesse, seu pai engaja-se na luta pela reabilitação e educação do filho, dispondo como recurso o amor que devotava a ele. Para começar, seu pai convenceu o professor da escola local que deixasse o menino freqüentar as aulas, apenas como ouvinte. Louis Braille logo se destacou pela facilidade em aprender e a citar, de memória, tudo que era ensinado aos demais alunos. Breve, ele passou a ir e voltar da escola sozinho, usando uma bengala. E aos dez anos de idade, foi estudar em uma escola só para cegos, em Paris.

Durante milênios, as pessoas cegas foram consideradas inúteis, vivendo à margem da sociedade, principalmente pela impossibilidade de manejar armas e ferramentas de trabalho. Até hoje, em muitos casos, a falta da visão é caracterizada como fator de invalidez. Contudo, há referências históricas sobre pessoas cegas que, ao concentrar seu esforço nas possibilidades restantes, superaram suas adversidades. Louis Braille, apesar das barreiras sociais de seu tempo, sempre acalentou o sonho de sair da faixa estreita que a sorte lhe impusera e estender esse mesmo desejo aos irmãos cegos, como costumava dizer.

O interesse pela educação dos cegos é recente. Somente nos séculos XVII e XVIII se cogitou criar oportunidades de trabalho e estudo para essas pessoas. Naquele contexto, marcado por avanços humanistas e sociais, é que temos notícia da publicação daquela que teria sido a primeira obra dedicada à inserção do deficiente visual na sociedade. Em 1670, na península itálica, um jesuíta publicou um livro tratando da instrução de deficientes visuais. Diderot e Rousseau também se dedicaram a esse tema. Porém foi Valentin Haüy, membro da

## Concurso Literário “200 Anos de Louis Braille”

---

nobreza francesa, quem se interessou objetivamente pela causa, inaugurando, em Paris, em 1784, a primeira escola para cegos.

Tateando, os alunos identificavam as letras comuns feitas com material flexível, formando depois as palavras, penduradas numa armação. Num primeiro momento, as possibilidades de sucesso na utilização desse método não eram animadoras. Mas como Valentin estava convencido de que a educação poderia mudar a sorte dos cegos, ele respondia às críticas afirmando que estaria plenamente realizado se sua iniciativa abrisse o caminho que os cercavam. E acrescentava: daí por diante os cegos encontrariam seu caminho.

Certo dia, um aluno da escola teve em mãos um cartão de visita. Impresso com letras em alto relevo, o referido estudante teve acesso ao seu conteúdo. A partir dessa experiência, Valentin passou a confeccionar livros, gravando em papel espesso, letras de forma em alto relevo. Haüy é o primeiro nome de destaque da história que narra o esforço e o interesse de benfeitores que lutaram pela emancipação dos cegos. E foi nesse contexto que, por volta de 1820, Louis Braille ingressou na Escola de Meninos Cegos, em Paris – Tendo antes de convencer os pais com um argumento que só poderia ser fruto de mentes iluminadas:

*“\_Aqui, eu posso distinguir um pássaro do outro, pelo seu canto; posso reconhecer a entrada de nossa casa, pela trave de cima. Porém, jamais poderei aprender o que existe fora do meu ouvido e do meu tato. Só os livros podem liberar os cegos”.*

E não demorou muito para que o novo aluno percebesse que era preciso aperfeiçoar o alfabeto utilizado naquela escola – que só permitia a leitura. Os textos vinham escritos da gráfica. Louis Braille observou, também, que as letras de forma em relevo, mesmo adaptadas ao tato, não eram adequadas. Concluiu, então, que era necessário elaborar um alfabeto que atendesse à necessidade dos deficientes visuais. Transcrevo aqui, como ilustração, parte do diário de Louis Braille, no qual narra como se recusou aceitar passivamente o sistema de leitura em letra de forma:

*“\_O fato é que aprendi a ler de acordo com os valores dos que enxergam. Que convencimento tentarem os cegos usar o mesmo alfabeto, as mesmas fórmulas usadas pelos que vêem! É ridículo, sem dúvida. Por que haveremos de nos limitar às coisas usadas pelos que vêem, quando seus métodos foram desenvolvidos para os olhos? E nós? Nós não temos olhos. Como é terrivelmente ridículo querermos seguir os caminhos traçados para os que vêem! Como poderão os cegos, sem olhos, pensar sequer em usar os apetrechos dos que enxergam? O absurdo é fantástico. É até uma estupidez! Existe nisto tudo algo de errado. A solução está num sistema que nada tem a ver com olhos”.*

Sentindo-se incapaz de criar uma solução ao impasse, Louis Braille tronou-se ainda mais ansioso. Para se acalmar e refletir melhor sobre o drama que o atormentava, pediu licença à escola – onde era professor – e viajou para o vilarejo, onde nascera e vivera os primeiros anos de vida. A casa paterna era ocupada por um sobrinho de seu pai (então falecido) que o sucedera na profissão de celeiro. Por não suportar o forte cheiro de couro curtido, Louis Braille pediu a um cliente de seu pai, um velho advogado, que o deixasse passar uns dias em sua casa. O amigo, que o conhecia, desde a infância, sugeria – com insistência – que Louis se mudasse para o vilarejo, comprasse uma pequena propriedade e que também se casasse.

*“\_Não muito longe daqui”, dizia: “\_Conheço uma jovem viúva a quem já falei a seu respeito”.*

## Concurso Literário “200 Anos de Louis Braille”

---

Louis Braille conhecia bem a região e costuma sair sozinho a passeio. Certa manhã, enquanto caminhava ao longo da estrada, ouviu o bater de outra bengala. Era um mendigo cego. Juntos, seguiram para a vila. A mulher do advogado deu de comer ao pobre. Diante da comida, o mendigo emitia sons que Louis Braille jamais ouvira de um ser humano. O advogado aproveitou-se do ensejo para reforçar seus conselhos:

*“\_Espero que você veja neste incidente uma lição. Deixe aquela escola e procure alguém para cuidar de você”.*

Certo dia, quando as dúvidas mais o atormentavam, Louis procurou a igreja onde fora tantas vezes com os pais. No silêncio do templo, refletia confuso, angustiado.

*“\_O que faço aqui? Meu lugar é ao lado do mendigo! Não passo de uma caricatura de um ser humano, vivendo no conforto. Ele, pelo menos, se encontra às vezes entre seus semelhantes, outros farrapos, e realiza seu destino”.*

Sentia ímpeto de sair dali, meter-se pela estrada e se perder no mundo. Mas, a lembrança repugnante do fedor do mendigo trazia-o de volta à realidade. Dias depois, Louis Braille partia para a capital com uma determinação que não o abandonaria para o resto de sua vida.

Segundo Leopold Hill, escritor norte-americano, existem duas formas de nos relacionarmos com a vida: uma delas, consiste em fazer o papel do cavalo, enquanto a vida cavalga; a outra, consiste em fazer o papel do cavaleiro enquanto a vida é cavalgada. Uma coisa é certa: se não optarmos por ser cavaleiro, seremos forçados a nos tornarmos cavalo.

O conhecimento que tenho de parte da vida de Louis Braille é suficiente para afirmar que, diante das dificuldades, ele optou por ser cavaleiro e jamais renunciou ao seu voto de dedicar-se à melhoria da sorte dos cegos.

Numa tarde em Paris, Louis Braille e sua namorada, Denise, estavam num café, lendo jornal, quando, por acaso, ela lê a seguinte nota: “o senhor Charles Barbier, ex-capitão do exército francês, defende a idéia de que seu sistema de transmissão noturna de mensagens talvez pudesse ser ensinado aos cegos”. O militar havia inventado um sistema pelo qual um soldado num posto avançado de campo de guerra, poderia receber pequenas mensagens à noite, sem necessidade de luz. Louis Braille procurou o capitão e aperfeiçoou seu sistema, até transformá-lo num alfabeto de sessenta e três símbolos, através da combinação de seis pontos em relevo. E foi assim que Louis Braille deixou aos cegos, como legado, o maior tesouro que poderiam herdar, ou seja, ler e escrever!

Por volta de 1830, Louis Braille fez a primeira demonstração de seu alfabeto, que foi recusado pelas autoridades da educação e até pela diretoria de sua escola. Diante da falta de receptividade para seu invento, Louis Braille, após mais de vinte anos de luta, começou a demonstrar sinais de desânimo. Em 1852, aos quarenta e três anos de idade, tuberculoso e esquecido, morreu o maior benfeitor dos cegos, sem desfrutar um momento sequer de reconhecimento pelo que fez pela humanidade. Em seu leito de morte, numa simples pensão, ele ainda fez seu último pedido a três amigos:

*“Se meu alfabeto tiver algum valor para os cegos, por favor, ajudem-me e ajudem meus irmãos cegos”.*

Nenhuma pessoa importante compareceu ao seu enterro, mas o dia estava luminoso!

O alfabeto braille, como passou a se chamar, só foi oficializado em 1887, num congresso internacional, em Paris.

Portanto, há quase dois séculos, os deficientes visuais estão em condições de frequentar qualquer escola, mas a imensa maioria permaneceu no silêncio de suas casas, sem acesso à educação, que continuou restrita, desnecessariamente, à escola

## Concurso Literário “200 Anos de Louis Braille”

---

especial – atrasando, pelo menos em cento e cinquenta anos, o processo educacional para todos os cegos.